



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Área Temática: Aspectos Cognitivos Comportamentais e Sócio- culturais do Envelhecimento

O ADOECER RECONSTRUINDO LAÇOS: UM ESTUDO DE CASO

Raimunda Aline Medeiros de França Freire – Enfermeira no Centro de Atenção Psicossocial I (Catolé do Rocha – PB). E-mail: alinemedeiros@hotmail.com

Pedro Freire de Lima Neto – Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande (Campina Grande – PB). E-mail: pedrofreire19@hotmail.com

Introdução

Sabe-se que os agravos provocados pelas doenças demenciais em idosos, a exemplo do Alzheimer, difundem-se para muito além dos comprometimentos propriamente orgânicos. A doença compromete a existência dos familiares afetivamente envolvidos com o idoso e instaura um cenário de morbidade no ambiente familiar.

Uma vez inserida neste processo, a família é surpreendida com o desabrochar de mudanças que envolvem tanto uma dimensão biológica, quanto psicológica, social e existencial e tendem a atingir, de forma mais intensa, o componente da família que se dedica de forma integral aos cuidados com o idoso e que, usualmente, também é detentor de um maior envolvimento afetivo para com o mesmo⁽¹⁾.

O cuidador familiar de um idoso portador de Doença de Alzheimer experimenta, junto ao seu ente querido, uma vivência complexa. Adaptar-se ao

novo contexto e responder às demandas produzidas pelo estabelecimento gradual da demência constitui-se um grande desafio.

Considerando toda essa conjuntura criada em função do cuidado, julgamos relevante a abordagem dos laços afetivos existentes entre Idoso dementado e cuidador familiar, tendo em vista toda a complexidade envolvida, as perdas cognitivas progressivas deste idoso e a sobrecarga física e psíquica do cuidador. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi perceber, mediante o discurso de uma cuidadora familiar filha de uma idosa portadora de Alzheimer, a sua avaliação a respeito da relação afetiva que existia entre ambas antes da interferência da doença e após a mesma.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso de natureza analítica e abordagem qualitativa realizado no município de Catolé do Rocha - PB, em Abril de 2013. Para a coleta de dados foram utilizados: gravador de celular e roteiro de entrevista semi-estruturada, com consentimento prévio. Tendo como foco norteador a história oral temática na perspectiva de Bardin⁽²⁾, a análise dos dados foi realizada após a transcrição do conteúdo das gravações seguindo-se de sucessivas leituras, ocorrendo, então, a ordenação das falas, sendo posteriormente identificados os núcleos de sentido inscritos no discurso da cuidadora.

Resultados e Discussão

Atendendo pelas iniciais F.C.M, a idosa participante da pesquisa possui 81 anos de idade e é portadora da Doença de Alzheimer há 6 anos. É viúva, aposentada, mãe de três filhos, sendo dois homens e uma mulher. Seu filho mais

novo faleceu há 11 anos. Sua filha responsabiliza-se pelos cuidados a ela dispensados desde o início do processo demencial.

A cuidadora M. J. F, 57 anos, professora, divorciada e mãe de dois filhos já adultos, encara o ofício do cuidar com destreza e responsabilidade. Questionada sobre as implicações reais da Doença de Alzheimer em seu dia-a-dia, relata:

“ Lidar com o Alzheimer não é fácil. Exige muito da gente, tanto física quanto emocionalmente. Hoje, faço uso de ansiolíticos. E o meu cardiologista me falou que eu desenvolvi uma certa arritmia cardíaca. Estou em tratamento. “ Conviver com as variações de humor, com os distúrbios do sono, ser responsável pelo cuidado integral dela e também trabalhar fora de casa... tudo isso é complicado. Outra coisa... ela nunca dorme sem que eu esteja por perto e reclama quando preciso sair para resolver as minhas coisas.

O cuidador vivencia um processo carregado de sentimentos ambivalentes que ocorrem devido ao encargo físico e emocional envolvido no cuidado, bem como à questão do vínculo já pré-estabelecido e o pesar pela vulnerabilidade do idoso portador de DA⁽³⁾. O cuidador familiar precisa cuidar-se para poder oferecer um cuidado de qualidade, e, neste sentido, o autocuidado torna-se vital⁽¹⁾.

O medo da perda é evidente:

“A gente teme a fase terminal. Hoje, apesar dos 6 anos do Alzheimer, mãe ainda é ativa em muitas coisas. Conversa, anda, alimenta-se sozinha e durante o banho, precisamos apenas supervisioná-la e, em seguida, ajudá-la a se vestir. Geralmente, ela pede pra enxugar a louça que lavo. Ela gosta de se sentir útil.



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Em pauta, a descrição dos laços afetivos e relacionamento interpessoal existentes entre portadora e cuidadora antes da manifestação da doença:

“A minha relação com minha mãe era muito difícil, desde a infância. Ela sempre foi muito rígida. Vivíamos em conflito. Sempre fui muito cobrada por ela. Sempre fui a referência para ela em tudo. Tínhamos nossas discórdias, discutíamos com frequência, era desgastante.”

Cuidar de alguém com quem se construiu um bom relacionamento afetivo é menos doloroso do que cuidar de uma pessoa com quem a ligação emocional parecia turbulenta. Ocorre, então, uma demarcação de limites quanto ao exercício do cuidado. Até onde se permitir dar carinho, afeto e atenção aos portadores torna-se uma grande questão existencial, um questionamento latente⁽⁴⁾.

Finalizando a sua fala, a cuidadora expressa serenidade e parece acreditar que todo o ônus envolvido no cuidado mesmo que associado a uma relação familiar pregressa difícil, cooperou para que, de forma amável, a fragilidade atuasse como ponte entre ela e sua mãe.

“Depois do Alzheimer, nossas discórdias ficaram escassas até que desapareceram. Tem a coisa da fragilidade, da dependência. Às vezes ela me pergunta se sou sua mãe. Nossa relação melhorou muito. Hoje sou bem mais carinhosa com ela e ela comigo.”

Conclusão



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Através do exercício continuado do cuidado em meio à manifestação da Doença de Alzheimer, laços afetivos foram fortalecidos e o relacionamento pessoal que no passado era conflituoso, foi reconstruído entre mãe e filha.

Referências

1. Silva MBM. Gritos de Silêncio: na voz de familiares cuidadores de Portadores de Doença de Alzheimer. [dissertação] [Internet] Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007. [acesso em 2013 abr 15]. Disponível em: http://btdt.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1804
2. Bardin L. Análise de Conteúdo[Internet]. 70. ed. Lisboa: LDA; 2009 [acesso em 2013 abr 12]. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/biblioteca/documentos/Manual-Vancouver.pdf>
3. Valim MD, Damasceno DD, Abi-acl LC, Garcia F, Fava SMCL. A doença de Alzheimer na visão do cuidador: um estudo de caso. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2010 [acesso em 2013 abr 20];12(3):528-34. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n3/v12n3a16.htm
4. Falcão DVS. Doença de Alzheimer : um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares [tese] [Internet]. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. [acesso em 2013 abr 27]. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3742>



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Campina Grande-PB/Brasil
13 a 15 de junho de 2013
www.cieh.com.br